



Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo
2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br

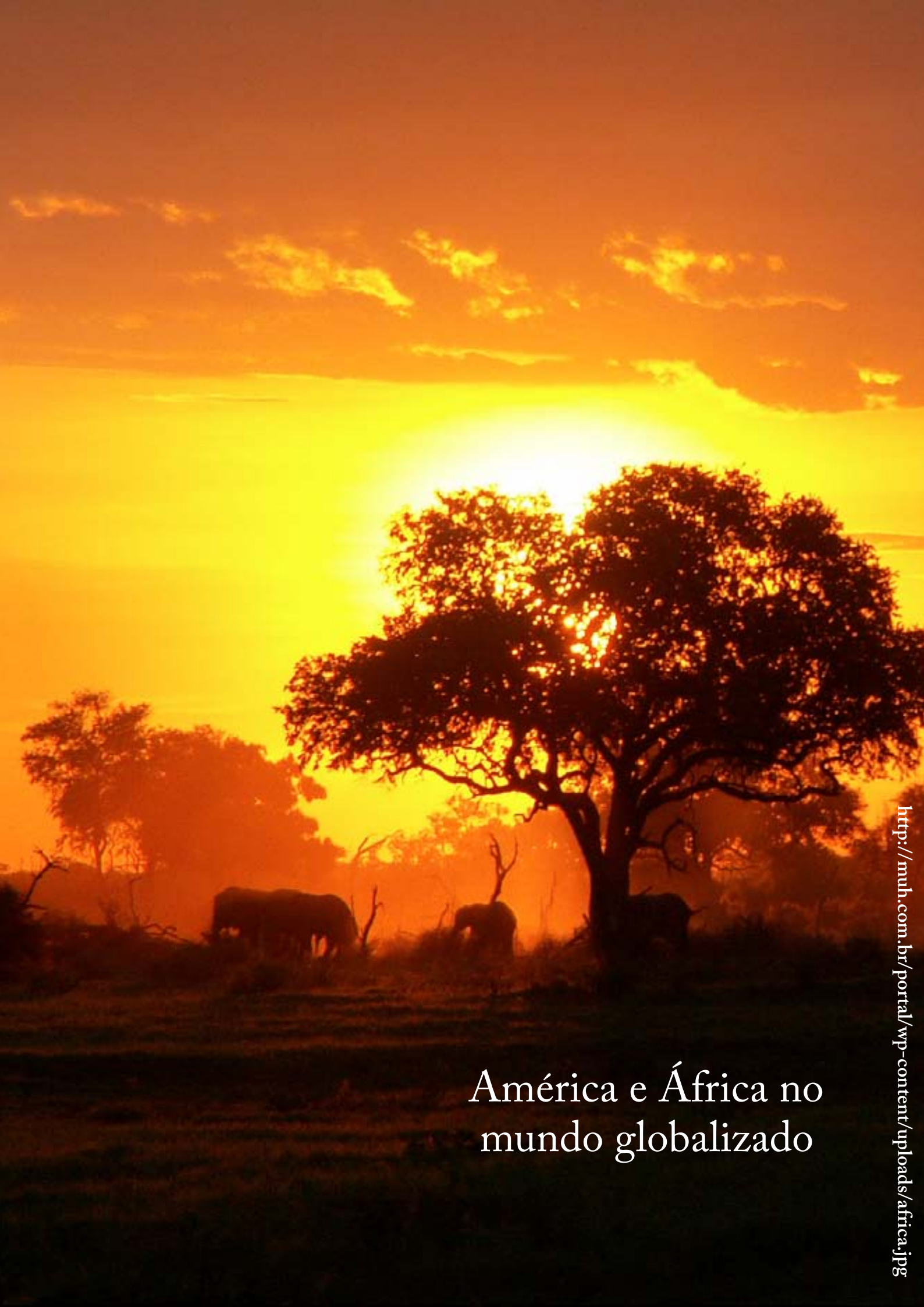


Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO**



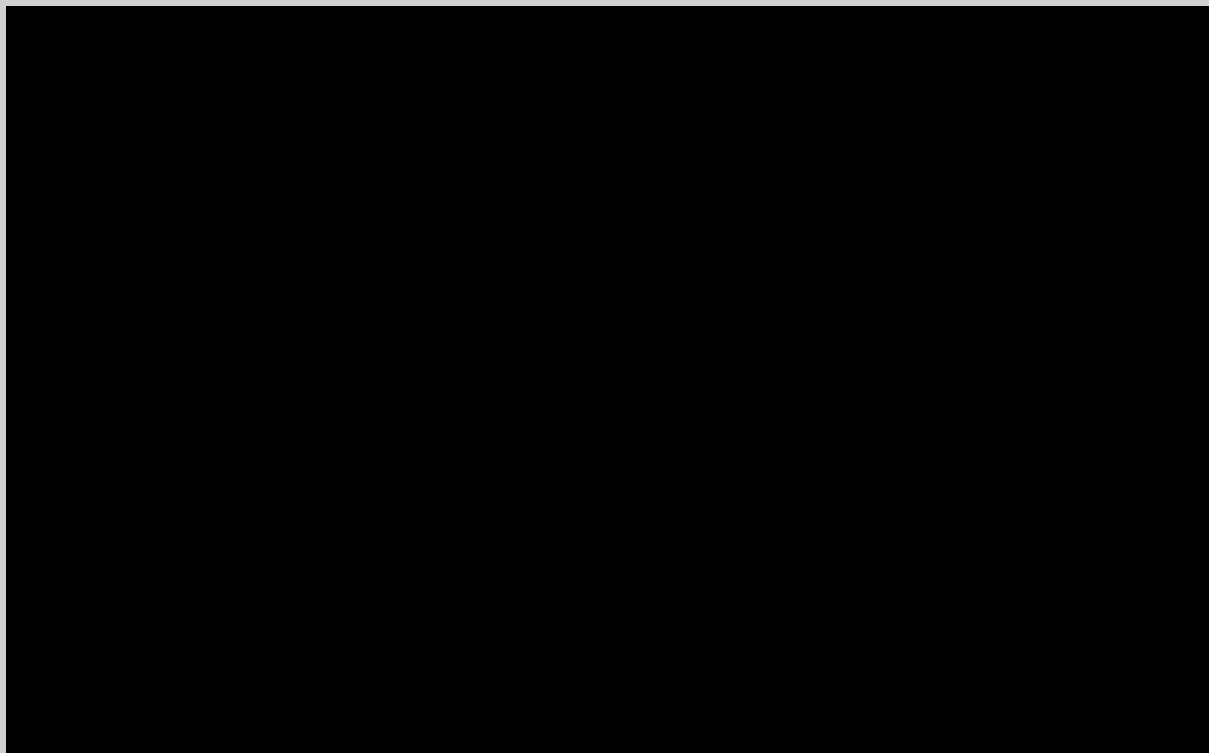


América e África no mundo globalizado

Sumário

Vídeo da Semana	3
América e África no mundo globalizado	3
Um início de conversa	3
5.1 – As organizações regionais sul-americanas.....	7
5.2 – As Organizações Regionais Africanas	10
Referência Bibliográfica.....	13
Ementa:	15

Vídeo da Semana



América e África no mundo globalizado

Um início de conversa

As fronteiras políticas que delimitam o território dos Estados, tanto na América Latina quanto na África, guardam profundas relações com a organização administrativa e política dos territórios coloniais. No caso americano, esse processo teve início nos séculos XVI e XVII. No caso africano, imperialismo europeu atuou sobretudo no século XIX.

Também no plano econômico, é possível encontrar similitudes entre América Latina e África, cujas origens remontam ao passado colonial. A riqueza da América foi em grande parte transferida para a Europa, na forma de ouro, prata e produtos agrícolas tropicais. Mais tarde, as potências européias, em plena Revolução Industrial, passavam a enxergar a África como fonte de matérias-primas minerais e vegetais e potencial mercado consumidor.

Ao longo do século XX, porém, a América Latina conheceu um processo seletivo de industrialização. A dificuldade de importação de produtos manufaturados no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e a crise econômica que afetou os países Guerra, assim como a recessão econômica mundial na década de 1930, favoreceram um primeiro surto industrial em países latino-americanos, em especial Brasil, Argentina e México. Nas décadas de 1950 e 1960, os parques industriais situados nestes países passaram a também filiais de empresas transnacionais. Desde então, eles passaram a abastecer o mercado mundial também com produtos manufaturados, principalmente de bens de consumo duráveis e não-duráveis.

Nos últimos anos, porém, no contexto da globalização, vem ocorrendo um aumento relativo dos produtos primários (*commodities*) na pauta de exportação dos países industrializados da América Latina, em especial o Brasil. De acordo com dados do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPEA), a participação relativa das commodities nas exportações brasileiras aumentou de 40% na década de 1990 para 51% entre 2007 e 2010. Enquanto isso, o país vem perdendo **competitividade no comércio de produtos mais intensivos em tecnologia**. Esse processo vem acarretando o sucateamento de segmentos industriais que se desenvolveram nas fases anteriores e, assim, reforçando o padrão periférico da América Latina nos fluxos da economia global.

No continente africano, por seu turno, o processo de industrialização foi incipiente. Com a exceção da África do Sul, que conta com um parque industrial relativamente diversificado, a indústria

Saiba mais

Leia a matéria publicada on-line no Jornal Folha de S. Paulo em 10 de maio de 2011.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/913739-commodities-ganham-espaco-nas-exportacoes-brasileiras-diz-ipea.shtml>



africana se concentra em setores pouco intensivo em tecnologias, e é pouco competitiva no mercado mundial. No conjunto, os países africanos geram apenas 2,9% do PIB mundial.

Um estudo recente da União Europeia sobre a África, disponível em

http://ec.europa.eu/development/icenter/repository/ERD_report_2009_PT.pdf

considera que 28 países situados na África Subsaariana estão em situação de fragil econômica (veja a lista de países no quadro abaixo), devido à graves problemas sociais, econômicos e de infraestrutura.

Quadro 2: Países da África subsariana em situação de fragilidade

Angola	Guiné Equatorial	Nigéria
Burundi	Eritreia	Ruanda
Camarões	Etiópia	São Tomé e Príncipe
Centro-Africana (República)	Gâmbia	Serra Leoa
Chade	Guiné	Somália
Comores	Guiné-Bissau	Sudão
Congo (República Democrática do)	Quênia	Togo
Congo	República do Libéria	Uganda
Costa do Marfim	Mauritânia	Zimbabuê
Jibuti	Níger	

Fonte: http://ec.europa.eu/development/icenter/repository/ERD_report_2009_PT.pdf

O estudo revela que os produtos primários representaram 80% das exportações desse conjunto de países, dos quais 30% correspondem às vendas externas de combustíveis, em especial petróleo. Além disso, analisa as deficiências estruturais nos setores de transporte e de distribuição de energia, que funcionam como um gargalo para o desenvolvimento econômico destes países.

De acordo com o *L'Atlas 2010*, publicado pelo Le Monde Diplomatique, os investimentos estrangeiros na África Subsaariana saltaram de 1,2 bilhões de dólares no período entre 2002 e 2004 para cerca de 38 bilhões de dólares em 2007, a maior parte dos quais vindos de países asiáticos, em especial China, Hong Kong, Coreia do Sul, Índia e Malásia. Entretanto, a maior

parte destes investimentos é canalizado para indústrias extrativas, em especial a exploração de petróleo e de minérios, e se concentra em um número limitado de países ricos em recursos naturais, em especial Nigéria, Angola, Moçambique, Sudão, Guiné Equatorial, Congo-Brazzaville e República Democrática do Congo. O mapa abaixo, produzido pela equipe do *Cartographeur le présent* com o sugestivo título de “Territórios ‘úteis’ da África Subsaariana” mostra localiza a exploração dos principais recursos minerais e energéticos na África Subsaariana, situados nos países que recebem a maior parte dos investimentos estrangeiros diretos.

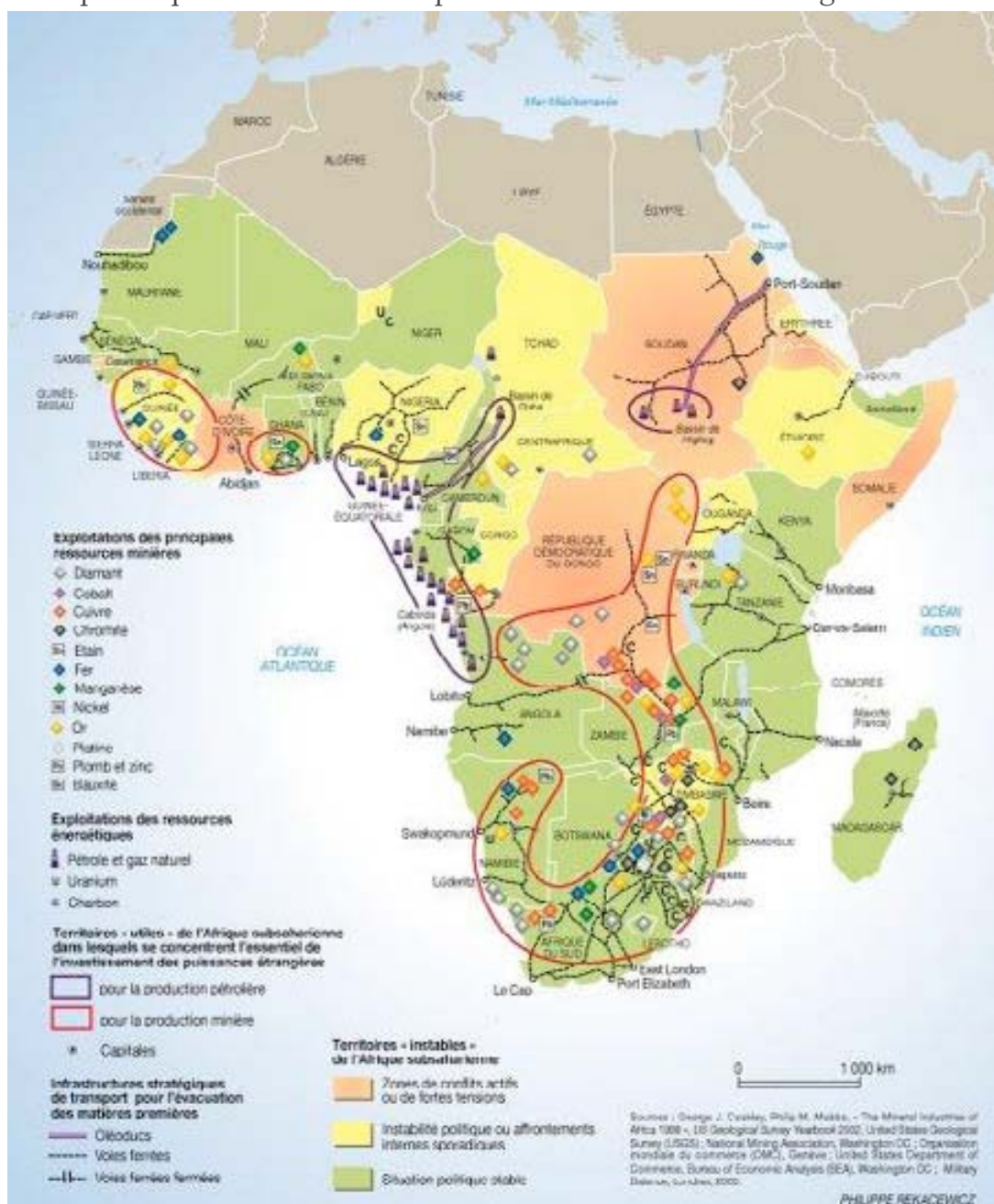


Figura 13: Territórios “úteis” da África Subsaariana
Fonte: <http://www.cartografareilpresente.org/article162.html>



Tanto no caso da América Latina como na África, as iniciativas regionais de integração econômica podem contribuir de muitas formas para o desenvolvimento econômico e social dos países que delas participam e para o rompimento desse padrão de subordinação.

5.1 – As organizações regionais sul-americanas

As primeiras tentativas de integração econômica da América Latina surgiram fortemente influenciada pela teorias elaboradas pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), órgão da ONU criado em 1948 (revela a aula 1 dessa disciplina). De acordo com essas teorias, a integração regional poderia pavimentar o caminho do desenvolvimento e da industrialização, na medida em que proporcionaria ganhos de escalas e ampliação dos mercados para as economias latino-americanas.

Em 1960, com a assinatura do Tratado de Montevidéu, surgia a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (Alalc), prevendo a constituição de uma zona de livre comércio, que prepararia o estabelecimento gradual de um mercado comum. A Alalc contou, inicialmente, com sete integrantes: Argentina, Brasil, Chile, Peru, Paraguai, México e Uruguai. Mais tarde, recebeu a adesão da Colômbia, Equador, Venezuela e Bolívia, envolvendo quase toda a América do Sul, além do México.

No mesmo período, nasceram o Mercado Comum Centro-Americano (MCCA), e o Pacto Andino. O MCCA, surgido no Tratado Geral de Integração Económica da América Central assinado em 1960, é composto por Costa Rica, Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua, e foi criado com o propósito de surgiu integrar as economias e incentivar os investimentos industriais nos países do istmo centro-americano. O Pacto Andino nasceu do Acordo de Cartagena, assinado em 1969 por Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia e Chile, com vistas à adoção de uma tarifa externa única e de criar programas conjuntos para o desenvolvimento industrial.

Essas primeiras tentativas chocaram-se com as estratégias de desenvolvimento dos países latino-americanos, alicerçadas na proteção dos mercados internos. Apesar da retórica integracionista, nem a Alac nem as iniciativas subregionais conseguiram fomentar de fato o comércio entre os países membros ou minimizar a forte dependência destes para com os parceiros comerciais externos.

Com a assinatura do Tratado de Montevidéu de 1980, a Alac foi substituída pela Associação Latino-Americana de Desenvolvimento e Integração (Aladi). O segundo Tratado de Montevidéu organizou-se em torno de metas menos pretensiosas e mais flexíveis, concedendo autonomia de decisões dos Estados-membros e estimulando a concretização de acordos comerciais entre seus integrantes.

No quadro fornecido pela ALADI, as iniciativas sub-regionais de integração econômica foram remodeladas e ampliadas. O Pacto Andino, que em 1996 foi rebatizado como Comunidade Andina de Nações (CAN), atualmente abriga a Bolívia, Colômbia, Equador e o Peru (o Chile deixou o bloco em 1977; a Venezuela, em 2006). O MCCA, criado junto com a Alac, recuperou dinamismo na década de 1990 com a relativa estabilização política dos pequenos do istmo. Em 1991, através do Tratado de Assunção, surgiu o Mercado Comum do Sul (Mercosul), o projeto de união aduaneira do Cone Sul. O Mercosul faz parte da Aladi como Acordo de Complementação Econômica (ACE).

O Mercosul nasceu da aproximação geopolítica entre o Brasil e a Argentina, que ocorreu no contexto da redemocratização (em meados da década de 1980, ambos transitaram de ditaduras militares para regimes civis baseados em eleições livres) e dos acordos prévios de integração econômica bilateral firmados entre os dois países. O passo inicial para a aproximação foi o encontro dos presidentes José Sarney e Raul Alfonsín, em novembro de 1985, em Foz do Iguaçu. A Ata de Iguaçu, uma declaração de intenções de política externa, preparou os empreendimentos práticos de cooperação. Em julho de 1986 era assinado o Programa de Integração e Cooperação Econômica Brasil-Argentina (PICE). O Mercosul foi criado em março de 1991, pelo Tratado de Assunção, contando com a adesão do Uruguai e do Paraguai ao projeto integracionista.

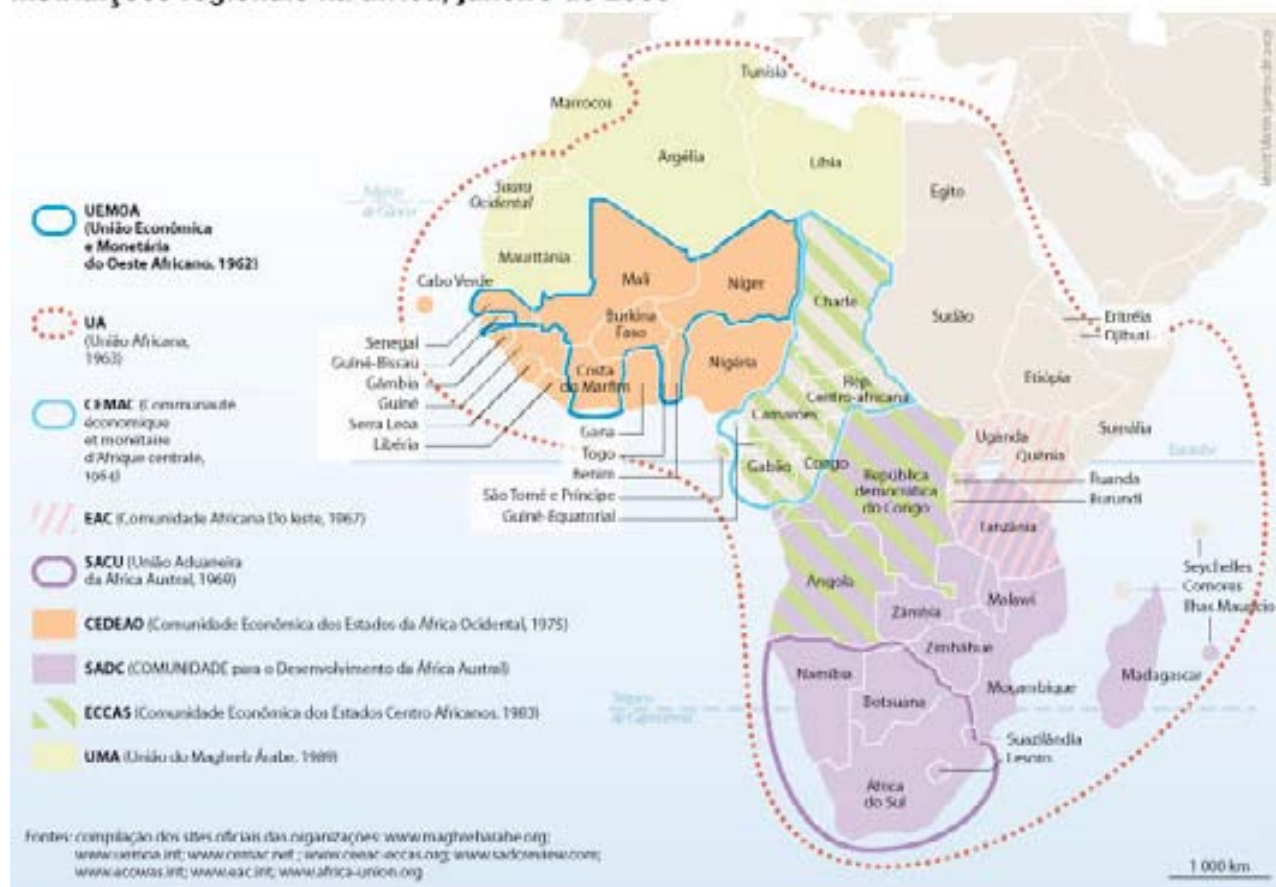
Em sua formulação original, o Tratado de Assunção estabelecia o princípio do regionalismo aberto, em cujo horizonte estava a incorporação de novos membros. Um primeiro passo nessa direção foram os acordos de associação com o Chile e a Bolívia assinados em 1996, prevendo a formação de zonas de livre comércio entre esses países e o Mercosul. Um segundo passo, ainda não concluído, foi adesão da Venezuela ao bloco: os congressos do Brasil, da Argentina e no

Uruguai já se posicionaram a favor da entrada desse novo membro no bloco, mas a inclusão do país ainda depende da aprovação do parlamento paraguaio.

Na década de 2000, surgiram duas novas iniciativas de integração no continente. A Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA), fortemente inspirada pelo ideário de Simon Bolívar de união latino-americana, foi instituída em dezembro de 2004, através de um acordo entre Venezuela e Cuba. Mais tarde, em abril de 2006, a Bolívia ingressou no grupo. Atualmente a ALBA é composta por 8 países, Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua, Dominica, Equador, Antigua e Barbuda e São Vicente e Granadinas. Em abril de 2007, foi criada a União das Nações Sul Americanas (Unasul). A Unasul, que pretende unificar duas organizações subregionais já existentes (Mercosul e a CAN), é integrada por Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. O México e o Panamá participam na condição de observadores.

O processo de integração regional das Américas está sintetizado no mapa abaixo. Observe que, apesar de permanecerem membros de organizações regionais latino-americanas, Peru e Chile mantêm acordos preferenciais de comércio com os Estados Unidos. Além disso, o mapa também destaca o Tratado de Livre Comércio entre Estados Unidos, América Central e República Dominicana (CAFTA), aprovado em 2005 pelo parlamento estadunidense, do qual fazem parte Costa Rica, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, Nicarágua e República Dominicana.

Instituições regionais na África, janeiro de 2009



segundo Marie-Françoise DURAND, Philippe COPINSCHI
Benoit MARTIN, Delphine PLACIDI,
Atlas da mundialização, dossiê especial Brasil,
São Paulo, Editora Saraiva, 2009

SciencesPo.

Atelier de cartographie de Sciences Po, 2008.
www.sciences-po.fr/cartographie



Seul l'usage pédagogique en classe ou centre de documentation est libre.
Pour toute autre utilisation, contactez : carta@sciences-po.fr
Pedagogical use only. For any other use (dissemination or disclosure, either whole or
partial), contact : carta@sciences-po.fr

Figura 14: Principais processos de integração regional nas Américas, janeiro de 2009

Fonte: <http://cartographie.sciencespo.fr/cartotheque/>

BR_B06c_Integration_ameriques_2009.jpg

5.2 – As Organizações Regionais Africanas

A Organização de Unidade Africana (OUA) foi criada por 32 países independentes em 1963, em Adis Abeba, na Etiópia, como instituição de cooperação e segurança continental, fundada no princípio do panafricanismo, ou seja, da unidade de todos povos africanos. Entretanto, como vimos na aula 4 desta disciplina, apesar da retórica da unidade africana, a OUA adotou o princípio da intangibilidade das fronteiras políticas coloniais do continente, como

forma de evitar as guerras e disputas territoriais. Entre os seus objetivos, estava o apoio aos movimentos de independência ainda em curso e a promoção do desenvolvimento econômico e social do continente.

A União Africana (UA), sucessora da OUA, foi instituída em julho de 2001, não apenas para acelerar o processo de integração regional, mas também para atuar em caso de conflitos e buscar a paz no continente: tropas da UA já atuaram, por exemplo, nos conflitos de Burundi, em 2003, e Darfur, no oeste do Sudão, desde 2004.

Todos os Estados africanos, à exceção do Marrocos, são membros da UA. O Parlamento Africano, que começou a funcionar em 2004 na África do Sul, está vinculado à organização, que tem entre os seus objetivos a criação de um banco central de desenvolvimento.

Além da UA, os países africanos também se associaram em organizações regionais (veja o mapa baixo). Dentre elas destacam-se:

- **Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)**, fundada em 1975 com o objetivo de promover a integração econômica, social e cultural dos 15 países membros. Em 1990, sob a liderança da Nigéria, dotou-se de um braço armado para missões de paz regionais (ECOMOG).
- **Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC**, fundada em 1980 como SADCC) engloba 14 países do sul da África, e tem como principais objetivos a integração regional, promoção do crescimento econômico e a erradicação da pobreza.
- **A Unidade Econômica Monetária do Oeste Africano (UEMOA)** criado em janeiro de 1994, através de um tratado assinado em Dakar. É um bloco regional formado por oito países da África Ocidental, que busca estabelecer políticas de desenvolvimento e fortalecer a economia dos países membros.

Principais processos de integração regional nas américas, janeiro de 2009



12

Figura 15: Instituições regionais na África, janeiro de 2009.

Fonte: http://cartographie.sciences-po.fr/cartotheque/BR_B05c_integration_afrique_2009.jpg

Referência Bibliográfica

- DURAND, Marie-Françoise; COPINSCHI, Philippe; MARTIN, Benoit. **Atlas da mundialização: dossiê especial Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2009. Disponível em: <http://cartographie.sciences-po.fr/cartotheque/BR_B06c_Integration_ameriques_2009.jpg>. Acesso em: 15 maio 2011.
- FOLHA DE S. PAULO. Commodities ganham espaço nas exportações brasileiras. [website]. 10 maio 2011. Editorial Poder. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/913739-commodities-ganham-espaco-nas-exportacoes-brasileiras-diz-ipea.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2011.
- REKACEWICZ, Philippe. **Territoires ‘utiles’ de l’Afrique subsaharienne**. Cartografare il presente [website]. 2007. Disponível em: <<http://www.cartografareilpresente.org/article162.html>>. Acesso em: 15 maio 2011.
- UNIÃO EUROPÉIA. Ultrapassar a fragilidade da África: elaborar uma nova abordagem europeia. In: _____. **Relatório europeu de desenvolvimento**. Disponível em: <http://ec.europa.eu/development/icenter/repository/ERD_report_2009_PT.pdf>. Acesso em: 15 maio 2011.

Ficha da Disciplina:

Geografia Regional: América Latina e África

Curso de Especialização em Geografia

MÓDULO III

Disciplina: Geografia Regional -
América Latina e África

Regina Celia Correa de Araujo



Raul Borges Guimarães



Ementa:

Verifica-se no dia-adia da sala de aula a manutenção de leituras clássicas da regionalização global, como a Teoria do Desenvolvimento e a dos Lugares Centrais. O resultado tem sido o descolamento da discussão com os alunos de conteúdos essenciais que valorizem a diversidade étnico-cultural, a cultura da paz e da solidariedade entre os povos. Por causa destas preocupações, o curso propõe maior ênfase nos estudos da América Latina e África, procurando olhar para o mundo de um ponto de vista menos europocêntrico.

Palavras chaves:

América Latina, África, colonização e descolonização.

Estrutura da Disciplina

Geografia Regional: América Latina e África	1. As invenções da América	1.1 – O ideário hispoamericano
		1.2 – A Invenção da América Latina
		1.3 – O “Terceiro Mundo” Americano
	2. A formação dos Estados americanos	2.1 – O território colonial hispano-americano
		2.2 – Independência e os novos estados nacionais
	3. África: colonização e descolonização	3.1 – A partilha da África
		3.2 – A descolonização
	4. A fronteiras africanas	4.1 – Conflitos fronteiriços
		4.2 – O Sudão do Sul
	5. América e África no mundo globalizado	5.1 – As organizações regionais sul-americanas
		5.2 – As organizações regionais africanas

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Ana Maria Martins da Costa Santos

Coordenadora Pedagógica

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Antônio Cezar Leal (FCT/Presidente Prudente) - *sub-coordenador*

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria/Administração

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Guilherme de Andrade Lemeszenski

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva